



ESPORTES RADICAIS, DE AVENTURA E AÇÃO: CONCEITOS, CLASSIFICAÇÕES E CARACTERÍSTICAS.

Dimitri Wuo Pereira¹; Igor Armbrust²; Denis Prado Ricardo³

RESUMO

O Esporte Radical, é a prática de atividade física onde prevalece o risco e apesar de existir a muito tempo, foi no início do século XXI que esse fenômeno se consolidou sendo estudado pela Educação Física. Acreditamos que isso aconteceu pelas próprias mudanças sociais, econômicas e culturais de nossos tempos. O objetivo desse estudo foi compreender o conceito de Esporte Radical e interpretar suas características. Como metodologia usamos o método filosófico dedutivo de pesquisa. Assumimos o conceito de Esporte baseado nas suas dimensões sociais como: esporte de rendimento, participação e educação e procuramos em diversos autores as bases para a conceituação do termo Radical, que é raiz, ou seja, uma atitude de busca de um significado a nossa existência. Porém como acreditamos em um pensamento complexo para explicar os fenômenos sociais estudados, fomos encontrar as diversas características dessas atividades o que nos levou a classificá-las em Esportes Radicais de Ação, que são aqueles onde predominam a busca da manobra perfeita ou Esportes Radicais de Aventura onde o predomínio é a superação de determinados desafios geográficos. Concluímos nossa concepção de Esporte Radical sem excluir outros conceitos, mas acreditamos que a raiz dessas expressões culturais, e daí sua nomenclatura, está na concretização ou na percepção de que essas atividades de risco vividas como esporte são afloramentos humanos de existir e sentir remontando uma consciência significativa.

Palavras-Chave: Esporte; Educação Física; Radical; Aventura e Ação.

RADICAL SPORTS, OF ADVENTURE AND ACTION: CONCEPTS, CLASSIFICATIONS AND CHARACTERISTICS.

ABSTRACTS

The Radical Sports, is the practice of physical activity prevails where the risk and even though there is a long time, was at the beginning of the twenty-first century that this phenomenon is consolidated, being studied by the Physical Education. We believe that this happened by own social change, economic and cultural of our times. The aim of this study was to understand the concept of Radical Sport and interpret their characteristics. As a methodology we use the philosophical deductive method of research. We accept the concept of sport based on we find in many autors the bases for concepts the word Radical, which is root, or an attitude of searching for a meaning to our existence. But as we believe in a thought to explain the complex social

¹ Especialista em Administração Esportiva. Educação Física. UNINOVE – SP. E-mail: dimitri.wuo@terra.com.br

² Pós graduando em Ciências Aplicadas aos Esportes de Prancha. Educação Física. UNICASTELO – SP. E-mail: arm.igor@ig.com.br

³ Especialista em Educação Física Escolar. Educação Física. Colégio Magno – SP. E-mail: sanguluka@ig.com.br



phenomena studied, we find the different characteristics of these activities which led us to classify them in Action Sports, which are those which dominate the search for the perfect maneuver or Adventure Sports of where the predominance is the geographical challenges. We finished our concept of Radical Sport without take off other concepts, but we believe that the root of these cultural expressions, and hence its nomenclature, it is realization or in perception that these activities risk lived as sports are outcrops of human existence and experience back an awareness significant.

Key-words: Sport; Physical Education; Radical; Adventure and Action.



1 INTRODUÇÃO

As mudanças sociais advindas de todos os campos das relações humanas: globalização, tecnologia, meio ambiente, comportamento, entre outras, se refletem na Educação Física tanto quanto em outras áreas. Atualmente um aspecto que tem chamado a atenção são as atividades de risco praticadas como lazer, esporte ou educação em que o movimento é o elemento central dessa cultura.

Diversas experiências humanas foram relatadas e documentadas sobre o tema que antes era destinado apenas aos seres dotados de heroísmo e coragem (STEINMANN, 2003; FERRERAS, 2005; HERZOG, 2001). O que tem se alterado e difundido desde o início da última década é a democratização dessas atividades que hoje são praticadas por uma diversidade de pessoas que em geral tem pouco conhecimento sobre os aspectos técnicos e de segurança que elas exigem, mas que querem viver suas emoções.

Hyder (1999), Freire; Schwartz (2005), entre outros autores acreditam inclusive nessas práticas como possibilidades educacionais e formadoras dos cidadãos. O que nos remete aos profissionais e educadores que necessitam se apropriar dessa nova cultura para contextualizar seus conteúdos a nova realidade da Educação Física.

Mas a discussão sobre o tema é recente e os conceitos começam a serem debatidos sem que definições estejam cristalizadas. Assim nos deparamos com a problemática da conceituação do que chamaremos a partir de agora de Esportes Radicais, no sentido de elucidarmos algumas questões, gerarmos conflitos e contradições necessárias ao crescimento e propiciar um ambiente de discussão produtiva que eleve nossas concepções das atividades corporais de risco, tomando como referência o campo de conhecimento da Educação Física.

Como utilizamos o termo esporte para conceituar essas atividades acreditamos ser importante começar a discussão por ele. O esporte é sem dúvida um fenômeno cultural bastante complexo e estudado por diversos autores com divergentes opiniões acerca de suas influências na sociedade. Além disso, recebe em cada época uma significação específica referente ao momento vivido. Atualmente as atividades de risco associadas ao movimento humano que não são tão recentes como propõe Dias (2006) já sendo praticada desde a década de 1960 no Brasil valorizaram-se socialmente e tem ganhado novos significados podendo inclusive influenciar o conceito de esporte que temos hoje.

Como esses autores propõem, esse “novo esporte” contém características do esporte tradicional, mas o praticante busca nele outro motivo para a prática ou então muda determinados códigos no jogo encontrando um sentido mais individualizado a prática.

A lógica racional que orientou muitas práticas esportivas até o fim do século, caracterizada pelas regras institucionalizadas dos jogos e atividades motoras com busca de recordes, está recebendo influências de outros sentidos humanos como: as sensações que o movimento proporciona, os sentimentos com os quais os praticantes devem se confrontar para experimentar a atividade e a intuição agora é válida como elemento essencial na tomada de decisão. Há sem dúvida uma porta aberta para a descoberta de um novo significado para o esporte.

Portanto é dentro da complexidade contemporânea que deve ser discutida a relação do esporte, da atividade física e da aventura radical que se engendra nesse novo sistema. Será a partir dessa reflexão sobre o conceito, as idéias e a interpretação que poderemos realmente compreendê-las e participar delas sem



descaracterizá-las ou transformá-las no mesmo objeto que tradicionalmente conhecemos como esporte.

Nas vivências corporais de lazer na natureza percebe-se uma complexidade e também a tendência para atribuir a essas novas práticas um caráter peculiar sintonizado com os padrões culturais, sociais, éticos e estéticos emergentes no mundo contemporâneo. (VILAVERDE, 2000, p. 119)

2 OBJETIVO

O objetivo desse estudo é realizar uma investigação a respeito do tema esportes radicais partindo da hipótese de que seu conceito, denominação, classificação e caracterização, isto é, sua tese atual necessita reflexão crítica baseada nos aspectos do movimento, da origem histórica, da etimologia, das condições psicológicas e das relações sociais próprias dessas práticas para que possamos propor um modelo teórico viável que atenda as aspirações da Educação Física ampliando nossa visão sobre o tema e abrindo a possibilidade de novas superações conceituais vindouras.

3 METODOLOGIA

Esse estudo do tipo filosófico se pautará na reflexão e síntese desse fenômeno levando-se em consideração o espírito de criatividade presente no processo dedutivo com coerência lógica que precede a produção de um novo conhecimento. Segundo Farias Junior (1992), “A Filosofia estrutura correntes que inspiram ou dominam mentalidades em determinados períodos”.

Nosso procedimento nessa pesquisa será a dedução reflexiva sobre o problema utilizando idéias, referências bibliográficas, significados e valores para jogar alguma luz sobre o assunto, pois partimos da nossa experiência no assunto como praticantes e pesquisadores dessas atividades para uma reflexão posterior como sugerem Thomas; Nelson (2002, p. 248 - 250) para as pesquisas filosóficas.

As reflexões necessárias para a compreensão desse fenômeno pretendem diferenciar os conceitos, a partir de definições, descrições, esclarecimentos e negações (THOMAS; NELSON, 2008, P. 250) utilizando a dialética e a dialógica como ferramenta. Dialética na Grécia antiga tinha vários significados entre eles “arte do diálogo”, (KONDER, 1987) e dialógica para Morin (1996, p. 188 - 189) significa duas lógicas unidas sem que se perca a unidade, não destruindo a variedade e diversidade de cada uma. Pretendemos dialogar com os conceitos estabelecidos sobre os Esportes Radicais, mostrar suas contradições e buscar uma mudança qualitativa para esse conceito, sem que necessariamente se percam as idéias das quais esses emergiram.

4 REVISÃO DE LITERATURA

Quando pensamos sobre as atividades físicas de risco na sociedade contemporânea, devemos compreendê-las dentro da própria complexidade que o mundo nos apresenta, do contrário correremos o risco de entendê-la de forma segmentada, dicotomizando mais uma vez as concepções de uma Educação Física



que ainda tem dificuldade em compreender as relações entre a atividade física, o esporte, o lazer, o jogo, a brincadeira e a educação.

Esse estudo acontece dentro da intrincada relação epistemológica da Educação Física, e a posição ideológica contida nele não tem a intenção de se afirmar imparcial e nem tampouco assumirá uma posição única a respeito do próprio conceito de Educação Física, assim sendo cito Tojal (2006), pois para ele a Educação Física ainda não tem uma sustentação teórica que justifique sua cientificidade não compondo uma gama de conhecimentos, conceitos e práticas comuns.

Nesse estudo olharemos para aquilo que vem sendo afirmado como conteúdo próprio da Educação Física e que vem se consolidando através dos tempos, não desprezando outros conceitos, mas aceitando esses como cultura estabelecida como própria da Educação Física.

Historicamente a Educação Física ocidental moderna tem ensinado O JOGO, A GINÁSTICA, AS LUTAS, A DANÇA, OS ESPORTES. Poderíamos afirmar então que estes são conteúdos clássicos. Permaneceram através do tempo transformando inúmeros de seus aspectos para se afirmar como elementos da cultura, como linguagem singular do homem no tempo. Constituem assim um acervo, um patrimônio que deve ser tratado pela escola. (SOARES, 1996)

Korsakas; De Rose Junior (2002), refletindo sobre a relação do esporte com a educação destacam as funções que esse pode ter na sociedade atual afirmando seu caráter de rendimento e de autonomia como algo pertinente ao desenvolvimento humano. Para eles a prática esportiva é uma expressão da humanidade porque parece satisfazer os desejos e interesses das pessoas, assumindo assim vários significados dependendo de seu contexto histórico e social, podendo inclusive fazer parte da educação. Percebemos nessa fala uma aproximação com as contradições próprias das atividades humanas não restringindo um conceito a um determinado momento da história humana, mas ampliando-se aos anseios de quem se destina, isto é, o ser humano.

Essa idéia de Educação Física está presente nos PCN's, (BRASIL, 1998 [b]), e orienta pedagogicamente o professor de Educação Física de forma nacional. Porém esse conceito não é mais suficiente para abarcar a totalidade da cultura de movimento do ser humano. Afinal a cultura está fora do ambiente escolar tanto quanto é produto deste. Nesse sentido nos chamam a atenção os chamados Esportes Radicais, pois são formas de movimento que ganharam expressão nas últimas duas décadas e vem se firmando objeto de desejo de crianças e jovens, reforçando cada vez mais seu caráter cultural e social. Grezzana (2000) diz que os PCN's evidenciam a possibilidade de desenvolvimento das potencialidades humanas tendo como característica o risco, o desafio e a aventura.

Talvez não seja possível compreender os esportes radicais como mais uma atividade motora com codificação de regras em função do uso de habilidades motoras adquiridas pelo treinamento, como sugere Mariz de Oliveira (1988). O surgimento das atividades de risco como Educação Física traz um novo elemento à discussão; como pensar na prática esportiva fora das quadras, fora de regras de vitória e derrota entre adversários, num esporte baseado na solidariedade dos participantes, como acreditar que o principal objetivo de um jogo possa ser a preservação da natureza?



É necessário compreender esse fenômeno dentro da própria complexidade dos tempos atuais. Se pensarmos em Educação, ou Educação Física, devemos então buscar em Morin (2002) um ponto de apoio que afirme a necessidade de “formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de seu tempo” e que ele define como uma pedagogia transdisciplinar, indo além da junção das disciplinas ou da multiplicidade das mesmas.

Essa idéia parece nova, mas o exercício do pensamento sobre essas relações surgiu há mais de uma década com “As previsões de Guattari e as interpretações de Weber, ambos de fundamentação histórica, permitindo antever uma Educação Física (esporte e recreação inclusive) de sentido ecológico”. Costa (1992). Assim sendo, é preciso sair da lógica cartesiana, pois as transformações de ordem social, econômica, tecnológica e científica que colocaram o planeta num novo rumo, desde que o físico Max Planck descobriu os “quarks”, estruturas de energia que transitam entre os átomos, estando ao mesmo tempo dentro e fora deles, contrariando a lógica de se obter uma resposta apenas através das relações de causa e efeito de ordem matemática segundo a qual uma equação só pode ter uma única resposta. Essa nova forma de pensar veio quebrar os paradigmas da ciência clássica: simplicidade, continuidade, causalidade, determinismo e objetividade, Nicolescu (1999, p.19). Por exemplo, quando um surfista espera uma onda e de repente, começa a remar ajustando sua posição a formação da onda. Não é possível fazer uma previsão matemática exata para essa situação e conseguir descer a onda, ele precisa sentir e intuir, somando suas experiências anteriores e auto-conhecimento para decidir o momento certo de iniciar.

Bezerra; Sena (2002, p. 2) retratam esse novo sentido para a ciência e sua relação com as atividades de risco dizendo que “(...) é revelador o clima holista que sustenta o ressurgimento do solidarismo de todas as coisas, nas quais a emoção e a sensibilidade devem ser consideradas como um misto de objetividade e subjetividade (...)”

Portanto os Esportes Radicais; de Aventura e Ação, como definiremos mais a frente, são apenas a representação motora que a sociedade está encontrando para entrar em uma nova era. A “Era do Acaso”. Acaso é uma palavra que vem do árabe, az-zahr e que segundo Nicolescu (1999, p. 23) significa “jogo de dados”. A metáfora da vida nesse novo milênio é a convivência com a imprevisibilidade e a possibilidade de sucesso nesse “jogo de dados”. O sentido das atividades de risco parece estar ligado a uma condição acidental ou caótica, fora do padrão da Ciência Clássica e em conformidade com as transformações do século XXI. Corroborando com essa idéia, Costa (1999), afirma que “O fato da aventura ser dotada de um sentido aproxima o aventureiro do jogador que se representa por uma vida condicionada pela sorte, que ele conta a seu favor”.

A Educação Física, sofre com a visão de um pensamento racional sobre o corpo como frisa Bracht (1999) e um exemplo disso no campo dos Esportes Radicais pode ser encontrado na graduação de vias de escalada em rocha. Esse complexo sistema de pontuação busca de forma racional dar a dificuldade exata para cada caminho escolhido como via de acesso ao topo das rochas, porém apesar de intensos debates e formulações lógicas de cada uma das variáveis: dificuldade de movimentação, risco de queda, tempo de duração da escalada, quantidade de força exigida, qualidade das proteções, nível máximo de dificuldade do lance mais difícil da via etc, (FEMERJ, 2007), continua existindo uma subjetividade que se baseia nos conceitos de cada indivíduo sobre o que é a escalada, no tipo de formação geológica e geográfica, na inclinação natural da rocha, na história da comunidade



escaladora local e até mesmo na vaidade pessoal de cada escalador que conquista uma via. Percebe-se que a própria criação de regras nos esportes radicais deve se basear na complexidade, o que vai de encontro ao pensamento de Souza (2001), quando adentra ao mundo da escalada para demonstrar uma forma de manifestação da inteligência humana: a inteligência corporal cinestésica. Completando esse raciocínio, Bracht (1999) acredita no momento de transição que a sociedade pós-moderna passa e que por esse motivo o desafio deve ser não simplificar, mas entender as relações complexas compreendidas no campo da Educação Física.

Contudo, isso não significa a negação da razão como bem apresenta Spink (2001) quando aborda a reflexão como fator fundamental para se controlar os perigos através da análise de risco, não apenas centrada nos ditames dos “mecanismos tradicionais de vigilância” e sim num tipo de gerenciamento de informações transdisciplinares.

Nessa contradição entre razão, sensação, intuição e emoção, algumas observações ainda são bastante pertinentes para refletirmos sobre a complexidade:

Como toda realidade histórica, a forma do ser humano comportar-se diante dos riscos é algo em contínua transformação. Na modernidade, a mudança no papel do ser humano frente ao futuro significou um corte em noções enraizadas nas culturas arcaicas. Certamente, nas sociedades nascentes, soou estranho até mesmo pensar na idéia do indivíduo, como alguém capaz de dirigir seu futuro diante dos riscos de forma independente da vontade dos deuses, da comunidade e do destino. Na atualidade, mesmo que o racionalismo esteja demonstrando ser insuficiente para proteger as pessoas dos riscos globalizados, causaria estranheza que alguém se imaginasse parte de uma civilização baseada no movimento aleatório da sorte. (PIMENTEL, 2006, p.143 - 144)

A contradição entre contar com a sorte a seu favor e necessitar da capacidade de resolver problemas utilizando as diversas formas como a inteligência pode se manifestar: logicamente, oralmente, corporalmente, é uma forma dialética de encararmos a vida contemporânea e seus desafios, pois devo ter conhecimentos racionais para tomar decisões mas continuo contando com a intuição e a sorte para iniciar um movimento arriscado. Milles (1990) já acreditava que esses esportes devem contrariar a lógica de aula ou movimento esportivizado. Esse pensamento deve servir como ponto de partida caso se acredite numa Educação Física com valores distintos daqueles que foram apregoados até agora.

Percebemos que a riqueza do tema merece atenção dos pesquisadores e docentes para que em futuro próximo possamos aproximar linguagens, conteúdos e propostas educacionais consoantes com nosso tempo e assim produzir conhecimento e atuar profissionalmente.

Conceituação

Percebe-se que a conceituação nessa área está em constante conflito e mutação, Silveira (2002, p. 161) já fazia uma crítica ao discutir o termo antes empregado por Tubino (1998) quando esse dizia serem os esportes de natureza aqueles comprometidos com a convivência com o meio ambiente e os de aventura os que se identificavam com atividades de risco, pois para o autor, na própria natureza já há a imprevisibilidade de gerar riscos, apontando uma contradição nos termos diferenciados apresentados, esportes de natureza e esportes de aventura. Bahia; Sampaio (2004) discutem o assunto compreendendo essa dificuldade de



conceituar essas novas atividades pelo que Parlebás (1987) considera “uma proliferação de técnicas, métodos e práticas” que fragmentam a Educação Física ao infinito, perdendo toda a sua unidade.

No ano seguinte, Costa; Tubino (1999) voltam ao assunto não classificando, mas tentando explicar onde se encaixavam esses esportes. “O aparecimento e a difusão de esportes cuja prática se constitui de risco calculado reorganizou o sistema de esportes, ocasionando uma renovação simbólica e de signos. As trocas percebidas são mais de ordem dos modos de os perceber do que propriamente de suas características físicas ou técnicas”. E continuam afirmando que “As emoções nessas práticas explodem no risco, de forma fictícia. São riscos provocados, calculados, de certa forma imaginários”. Nesse ponto deixa-se claro que as emoções estão intimamente ligadas à prática e não podem se dissociar afinal o risco provoca sentimentos que vão além do vencer ou perder. Porém a idéia difundida de que essas práticas não são riscos reais é contrária aos elevados números de acidentes que tem ocorrido nos últimos anos como apresentam Amaral; Araújo (2002).

Spink (2002) vai além “(...) são os esportes de ação que aparecem impregnados pela linguagem dos riscos; os riscos são aí intrínsecos à própria atividade.” Para a autora, “Risco é também parte do pacote dos esportes de aventura que vem tornando-se cada vez mais populares.” Porém ela deixa claro em seu estudo que podemos perceber duas maneiras diferentes em que o termo risco utilizado; ora na relação risco - perigo e ora como probabilidade.

Sugere-se que há um modo metafórico de se afrontar o perigo, abandonando a segurança e conforto para um contra conformismo a sociedade reprodutória em que vivemos, talvez por isso algumas atividades são classificadas como “esportes radicais”.

Bruhns; Marinho (2003), nesse sentido, buscam na classificação dos jogos propostos por Callois os “jogos de ilinx” elementos de vertigem presentes em determinadas atividades. De certa forma estamos falando sobre esse tipo de atividade, independente se elas podem abarcar todos os símbolos presentes nos esportes radicais.

Essas e outras questões são abordadas a partir de vários referenciais como: Betran (2003), Ferreira (1989), Marinho (2005), Uvinha (2001), entre outros. Esses autores discutem os conceitos de esportes radicais, de aventura, perigosos, extremos, entre outros.

Matthiesen (1999) apresenta uma concepção bastante diferente para o conceito de Atividades Alternativas relacionando-as às práticas corporais terapêuticas que se aproximam da psicologia e fisioterapia e que têm outros objetivos e significados como tomada de consciência corporal e realização de movimentos lentos e prazerosos. Acreditamos que deva ser feita uma distinção desse termo em relação às atividades de risco, pois não parecem ter uma relação de proximidade.

Reconhecemos a dificuldade de unir termos e conceitos. De Jesus (2003), afirma ser essa uma “tarefa impossível”, devido a grande indefinição entre os diversos nomes encontrados como: esportes radicais, de ação, X-games, esportes californianos, esportes outdoor, esportes extremos, mas considera que eles estão em contraposição aos esportes tradicionais.

Uma decisão política é tomada nesse sentido quando assumimos o termo Esporte. As concepções de Esporte no meio acadêmico da Educação Física costumam gerar polêmicas pela associação do Esporte com as atividades competitivas, institucionalizadas, voltadas ao rendimento, contrariando o caráter



educacional que se pretende na Educação Física. Não é possível sermos neutros politicamente, quando se trata esse tipo de situação nas áreas correlatas à Educação Física como o Lazer, a Recreação ou os Esportes Radicais. Isayama (2002) acredita que quando escolhemos determinados conteúdos estamos expressando nossa opinião política e mesmo quando omitimos determinados conhecimentos ou habilidades estamos mostrando os valores que não queremos difundidos.

Para Freire (2006) o termo Esporte de Aventura é voltado para o estímulo da competição, necessitando determinado nível de força para sua prática, já Atividade Física de Aventura na Natureza, termo cunhado por Betran (2003), não exige treinamento prévio para sua experimentação. A opinião de Freire, leva em conta a definição de esporte como algo necessariamente competitivo. Preferimos outras definições e tentaremos explicar os motivos de nossas decisões, mas antes uma reflexão surge sobre a competição.

Para a educadora Constance Kammi a competição é integrativo social, mecanismo de mobilidade social, oportunidade de aprendizagem de papéis sociais. Para ela a criança não estabelece um julgamento de valor sobre o fato de competir, mas sobre os valores que o adulto imprime nas questões relativas a competição. Ainda acredita que o esporte precisa ser entendido dentro do contexto social que ocorre; relacionar-se com diferenças entre grupos sociais; refletir sobre as ideologias dominantes, Kammi; De Vries (1991).

Outra discussão que Freire (2006) coloca é sobre o fato dessas atividades físicas de aventura na natureza não precisarem de treinamento prévio. Concordamos com a autora porque partimos do princípio que o desenvolvimento do humano segundo Gallahue; Ozmun (2001) se inicia desde os primeiros momentos de vida e que segundo esses autores a escalada deve ser estimulada nas primeiras fases de vida.

O surgimento do Esporte, trás em seu cerne, a concepção da sociedade que o criou e o popularizou, sociedade burguesa pós Revolução Industrial do século VIII e XIX, Pillati (2006), polarizando com grande parte do meio acadêmico que o estudou, como apresentam Castellani Filho (1988) e Pilz (1999).

Mas o próprio Betran (2003, p. 165) concorda com a “significação léxico universal e significado quase unânime” do Esporte. O autor espanhol ainda explica que em sua terra o uso do termo “Esporte de Aventura” é comum e oficialmente usado na Catalunha.

Defendemos o uso do termo Esporte dentro da concepção proposta por Tubino (2002) que concebe três dimensões para o esporte moderno: esporte - rendimento (voltado a competição e ao treinamento); esporte - participação (refere-se as atividades realizadas por prazer e lazer) e esporte - educação (quando o esporte é uma ferramenta educacional). Essa proposta serviu de base para a formulação da Política Nacional de Esporte, (BRASIL, 1998 [a]) e encontra eco em Bracht (1999) quando afirma que o esporte é um fenômeno polissêmico. Ou então em outros autores:

A visão do esporte como um fenômeno social plural, que abrange várias manifestações em que o movimento humano está presente com objetivos diversos, rompe com a visão singular do esporte como uma manifestação fechada e restrita a espaços especializados e a pessoas particularmente dotadas para performances especiais. Amplia-se não apenas a visão de esporte, como também surgem vários “esportes”, conceitos e visões – fruto do domínio tecnológico, da atividade profissional, do comércio e negócio, do



artigo de consumo, da indústria de entretenimento, do empreendimento de saúde, da educação. (ALVES; PIERANTI, 2007)

Essa proposição do termo Esporte é suportada também pelo caráter das “informações universais” nele contidas, (De JESUS, 1999).

Outra decisão é pela escolha de Radical como receptor das atividades de Aventura e Ação.

A busca pelo sentido de “Radical” no dicionário, nos remete à: o que vem de raiz, que é básico ou fundamental, inflexível, no sentido filosófico; e que prega ou age com radicalismo ou extremismo, no sentido político, Ferreira (1989) e Michaelis (1998).

Quando seguimos pelo sentido político, percebemos nas atitudes e comportamentos dos praticantes diversas afirmações de suas convicções como exemplifica Uvinha (2001), sobre os skatistas ou Costa (2000) sobre os montanhistas. Mas Silveira (2002, p. 162) diferencia os Esportes Radicais pelo comportamento diferenciado presente nessas práticas não bastando estar na natureza o que contraria os autores citados acima.

Fernandes (1998), trás uma conceituação abrangente para os Esportes Radicais por sua abrangência “Esportes Radicais: conjunto de práticas corporais diferenciados por sua aproximação com a natureza ou interação com obstáculos urbanos, e por expressar valores que contestam os padrões antes estabelecidos.”

Estejamos atentos ao fato de que muitas vezes os próprios praticantes evitam os rótulos que os classificam. Paiva (1999) em seu estudo apontou certa aversão de escaladores pelo termo Radical.

Porém, ao refletirmos sobre o sentido filosófico de raiz que a profundidade deve ser maior, pois, não é evidente esse símbolo como algo próprio dessa manifestação.

Quando se adentra no universo dos esportes radicais, percebe-se que o engajamento dos indivíduos acontece pela “intensidade da emoção sentida nessas vivências”. Há nessa escolha uma motivação para se testar o valor pessoal e as crenças no mundo e em si mesmo. Uma das apostas dos praticantes está no fato de que acreditam ter “sua existência em suas mãos pelo domínio de seu corpo” (Le BRETON, 2006). Para esse autor:

(...) o corpo é o caminho da salvação, numa perspectiva leiga em que o indivíduo determina as provas a que ele se inflige para testar seu valor. Trata-se de encontrar **enraizamento** sólido em sua existência. (Le BRETON, 2006, p.116)

Ou então, podemos buscar a raiz dessas atividades no imaginário como faz Costa (1999) “Assim, ao buscar o risco, os praticantes dos esportes radicais procuram emoções que se **enraízam** no universo fictício”.

Estão aqui as pistas para uma possível compreensão desses significados e para que possamos explorá-los cada vez mais.

Classificação

Para que possamos sintetizar nossas reflexões após analisarmos as diversas teses envolvidas propomos uma classificação dos Esportes Radicais elaborada a partir da idéia de Uvinha (2001) que utiliza o local de prática como ponto de partida, sendo eles: aquáticos, aéreos e terrestres. Ampliamos essa classificação para



abranger também atividades praticadas no meio urbano e que por essa razão tem características particulares distintas, além disso, organizamos também as atividades mistas que envolvem mais de um tipo de ambiente.

Dentro de nossa classificação decidimos por dividir os Esportes Radicais em dois tipos distintos: Esportes de Ação e Esportes de Aventura. Essa distinção faz-se necessária pelas peculiaridades de cada tipo de Esporte Radical que tentaremos explicar em seguida.

O significado de Ação é: movimento; atitude ou comportamento; manifestação de força e energia; capacidade de fazer algo, Ferreira (1989). Numa análise simples vemos que o símbolo dessas atividades está num movimento importante a ser executado, um gesto técnico complexo que traduza a sua emoção, a chamada “manobra”. A atitude é sinônimo de ação e está ligada às “tribos” citadas por Uvinha (2001), pois os grupos que se relacionam no seio dessas práticas tendem a ter uma forma de linguagem, vestimenta, e comportamento que os unem.

A palavra Aventura do latim “adventura” que dizer “o que está por vir”, com o sentido de desconhecido, imprevisível, Ferreira (1989). Esse sentido liga-se ao sentimento de buscar algo que não é tangível num primeiro momento, que é muito comum aos praticantes de modalidades na natureza, principalmente aquelas onde a distância, o clima, o esforço físico, a privação e a incerteza estão presentes.

Ambos tem em comum o fato de estarem enraizados na busca por uma existência significativa e com o risco como agente fundamental para se viver experiências emocionais. Porém se distinguem nas características que estaremos apresentando no quadro abaixo.

A tabela abaixo apresenta essa classificação:

ESPORTES RADICAIS		
MEIO	AÇÃO	AVENTURA
Aquático	Surf, windsurf	Mergulho (livre e autônomo), canoagem (rafting, caiaque, aqua ride, canyoning)
Aéreo	Base jump, sky surf	Paraquedismo, balonismo, voo livre
Terrestre	Bungee Jump, sandboarding	Montanhismo (escalada em rocha, escalada em gelo, técnicas verticais, tirolesa, rapel, arvorismo); mountain bike (down hill, cross country), trekking
Misto	Kite surf	Corrida de Aventura
Urbano	Escalada indoor, skate, patins in line, bike (trial, bmx)	Le parkour



Observamos que essas modalidades apresentadas foram reinventadas e podem surgir variações, sendo esse um quadro aberto a ampliações e alterações.

Caracterização

A classificação agora é apresentada em termos de uma caracterização dos Esportes Radicais em diversos aspectos: históricos, sociais, dos riscos, das faixas etárias. Há uma divisão em Esportes de Ação e Aventura que é própria ao campo da Educação Física, pois levam em conta principalmente as habilidades motoras e as capacidades físicas predominantes nessas. Assumimos aqui uma idéia de englobar nos Esportes Radicais tanto as atividades que denominamos de Ação como as que consideramos de Aventura procurando identificar as diferenças entre as mesmas, com o intuito de as reconhecer melhor e não de as separar.

Essas características são apresentadas em função dos dados obtidos em: Uvinha (2001), Steimann (2003), Pimentel (2006), Pereira (2007), Marinho (2005), Freire; Schwartz (2005), Costa; Tubino (1999), Costa (2000), Betran (2003) e das experiências profissionais, acadêmicas e práticas dos autores em relação aos Esportes Radicais, adquiridas nos últimos 15 anos.

Abaixo a tabela de caracterização:

ESPORTES RADICAIS		
Característica	AÇÃO	AVENTURA
Habilidade	Predomina a estabilização	Predomina a locomoção
Capacidade física	Predomina a força potente A velocidade das manobras exige força e velocidade	Predomina a resistência A estratégia e a escolha ganham importância
Surgimento	Como atividade de lazer e uso do tempo livre	Como expedição ou exploração (militar, econômica ou científica)
Etimologia	Manifestação de força e energia, movimento, comportamento, e atitude	Experiências arriscadas, incomuns, perigosos e imprevisíveis
Objetivo	O lazer é o principal motivo As competições geram eventos de grande importância	Forte relação entre lazer e turismo Usado como educação
Local	Urbano e natureza Espaços construídos e eventos da natureza (onda, vento)	Natureza e urbano Espaços naturais (a meta é sair de um ponto e chegar a outro)
Público	Média entre 15 e 25 anos	Média entre 25 e 35 anos
Perigo	Socorro mais próximo Menor ação do clima	Socorro mais distante Maior ação do clima
Organização	Existem regras, associações e formação de tribos	Existem regras, associações e formação de equipes
Mídia	Busca captar a manobra Relaciona-se com público alvo na: atitude, vestimenta, comportamento e linguagem	Busca captar uma história Relaciona-se com o público alvo na ecologia, qualidade de vida e meio ambiente



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos da tese de outros autores que conceituaram e classificaram essas atividades não considerando essa uma tarefa fácil, mas através da análise dedutiva das referências pesquisadas e das experiências profissionais e acadêmicas dos pesquisadores nessa área pudemos chegar a conclusão de que seria necessário assumir o termo Esportes Radicais como aglutinador dos Esportes de Aventura e Ação, mesmo sabendo do Risco inerente dessa escolha. Risco que decidimos correr pela proposta de pensar de forma complexa as atividades esportivas do mundo contemporâneo. Mas um Risco que entendemos estar balizado pela lógica exposta das características e concepções filosóficas e etimológicas dos termos discutidos e pela sensação, pelo instinto e pelo sentimento de que essas expressões contêm, sem excluir a historicidade e sociabilidade da qual se originaram.

Assim a pretensão do texto não foi reduzir as práticas esportivas aos significados demonstrados mas apresentar uma linguagem que expresse nossas vivências e pesquisas sobre o assunto e que nos permite uma comunicação aberta as diversidades próprias dessas culturas e seus agentes.

Acreditamos que assim podemos transitar pelos Esportes Radicais e ser compreendidos pelos diversos interlocutores dos mesmos, com consciência de que estamos aproximando essas novas práticas da Educação Física sem a intenção de descaracterizar qualquer uma das duas.

O mais difícil nessa aventura foi identificar o elemento que enraíza os Esportes Radicais no seio de uma sociedade em busca de sua existência. Acreditamos que a raiz dessas expressões culturais, e daí sua nomenclatura, está na concretização ou na percepção de que essas atividades de risco vividas como esporte são afloramentos humanos de existir e sentir remontando uma consciência significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J.A.B.; PIERANTI, O.P. **O Estado e a Formulação de uma Política Nacional de Esporte no Brasil**. RAE-eletrônica, v. 6 n. 1 Art. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=3843&Seção=ARTIGOS&Volume=6&Numero=1&Ano=2007>, Acesso em: 10 de outubro de 2007.

AMARAL, P. L.; ARAUJO, M. K. **Relatório de Acidentes em Esportes de Montanha**. v. 2, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.cbme.org.br>, Acesso em: 10 de outubro de 2007.

BAHIA, M.C.; SAMPAIO, T.M.V. **Lazer e Esportes na Natureza: impactos sócios ambientais**. XVI ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Salvador – BA. Lazer como Cultura: o desafio da inclusão. Sistema FIEB/SESI, v.16, 2004.

BEZERRA, E.J.; SENA, D.C.S. **Corporeidade e Lazer: Compreendendo solidariedade nos esportes de aventura na natureza**. In: ENAREL – XIV Encontro Nacional de Recreação e Lazer, Santa Cruz do Sul – R. S. Lazer: desenvolvimento regional e estilo de vida. p. 2, 2002.



BETRAN, J.O. **Rumo a um Novo Conceito de Ócio Ativo e Turismo na Espanha.** In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (org.) **Turismo, Lazer e Natureza.** Barueri: Manole, p.165, 2003.

BRACHT, V. **A Constituição das Teorias Pedagógicas da Educação Física.** CEDES v.19, n. 48, Campinas, Ago., 1999.

BRASIL (a), Lei 9615/98. Seção III, **Do Desporto**, art. 217, 1998.

BRASIL (b). SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **PCN: Educação Física/** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRUHNS, H.T. **No Ritmo da Aventura.** In: BRUHNS, H.T.; MARINHO, A. (org.). **Turismo, Lazer e Natureza.** São Paulo: Manole, 2003.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas: Papyrus, 1988.

COSTA, V.L.M. **Esportes de Aventura e Risco na Montanha:** uma trajetória de jogo com limites e incertezas. Tese de Doutorado. Universidade Gama Filho – Rio de Janeiro, 1999.

COSTA, V.L.M. **Esportes de Aventura e Risco na Montanha.** São Paulo: Manole, 2000.

COSTA, L.P. **Corpo e Motricidade** In: GEBARA, A.; MOREIRA, W.W. (org.) **Educação Física e Esportes:** perspectivas para o século XXI. Campinas: Papyrus, 1992.

COSTA, V.L.M.; TUBINO, M.J.G. **A Aventura e o Risco na Prática de Esportes Vinculados a Natureza.** Motus Corporis, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 96 -112, Nov., 1999.

De JESUS, G.M. **A Geografia dos Esportes:** uma introdução. Scripta Nova Revista Electronica de Geografia y Ciências Sociales. Universidad de Barcelona, n. 35, 1 de marzo de 1999. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-5.htm> Acesso em: 10 de outubro de 2007.

_____. **A Leviana Territorialidade dos Esportes de Aventura.** In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (org.) **Turismo, Lazer e Natureza.** Barueri, SP: Manole, 2003.

DIAS, C.A.G. **Apontamentos Iniciais para uma História Comparada dos Esportes na Natureza. 'Usos do Passado'** — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006 (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ)

FARIAS JUNIOR, A.G. **Pesquisa em Educação Física:** enfoques e paradigmas. In: FARIAS JUNIOR, A. G.; FARINATTI, P. T. **Pesquisa e produção do conhecimento em Educação Física.** SBDEF – Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Educação Física – Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1992.



FEMERJ (Federação de Montanhismo e Escalada do Estado do Rio de Janeiro). **Sistema Brasileiro de Graduação**. NORITOMI, F. Y.; WASNIEWSKI, F. (coord.) disponível em: <http://www.femerj.org> Acesso em: 30 de setembro de 2007.

FERNANDES, R.C. **Reflexões para um Estudo Acadêmico**. Campinas. Conexões – Educação, Esporte e Lazer, v. 1, n. 1, p. 96-105, 1998.

FERREIRA, A.B.H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FERRERAS, P. **O Mergulho: uma história de amor e obsessão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

FREIRE, M.; SCHWARTZ, G.M. **A Caminhada na Natureza nas Aulas de Educação Física: consolidando atitudes pró-ativas**. Coleção Pesquisa em Educação Física – n. 4, jun., 2005.

FREIRE, M. **Diálogo Entre a Educação e a Natureza In: Aventuras na Natureza: consolidando significados**. Jundiaí - SP: Fontoura Editora, 2006.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças e adultos**. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

GREZZANA, F. **Educação, Meio Ambiente e Esporte de Aventura na Natureza**. Coletânea -12º ENAREL (Encontro Nacional de Recreação e Lazer). Balneário Camboriú, Santa Catarina: Roca, 2000.

HERZOG. M. **Annapurna. O Primeiro Cume com Mais de 8 mil metros Conquistado pelo Homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HYDER, M.A. **Have your Students Climbing the Walls: the grow of indoor climbing**. Journal of Physical Education, Recreation & Dance, v. 70, n. 9, p. 32-39, 1999.

ISAYAMA, H.F. **Recreação e Lazer como Integrantes de Currículos dos Cursos de Graduação em Educação Física**. Campinas (Tese de doutorado). Faculdade de Educação Física. Departamento de Estudos do Lazer. Universidade Estadual de Campinas, 2002.

KAMMI, C.; De VRIES, R. **Jogos em Grupo na Educação Infantil**. São Paulo, Trajetória Cultural, 1991.

KONDER, L. **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 17. ed. Coleção Primeiro Passos, 1987.

KORSAKAS, P.; de ROSE JUNIOR, D. **Os Encontros e Desencontros entre Esporte e Educação: uma discussão filosófico-pedagógica**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Ano 1, n. 1, 2002.



Le BRETON, D. **Risco e Lazer na Natureza**. In: **Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza**. Alcyane Marinho; Heloisa Turini Bruhns (org.), Barueri, SP: Manole, p. 116, 2006.

MARINHO, A. **Atividades de Aventura em Ambientes Artificiais**. In: **Turismo de Aventura. Reflexões e Tendências**. Uvinha, R.R. (org.). – São Paulo: Aleph, 2005.

MARIZ de OLIVEIRA, J.G. **Educação Física e Esporte no Ensino Superior**. In: Passos, S.C.E. **Educação Física e Esportes na Universidade** – Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1988.

MATTHIESEN, S.Q. **A Educação Física e as Práticas Corporais Alternativas: a produção científica do curso de graduação em educação física da UNESP – Rio Claro de 1987 a 1997**. Motriz, v. 5, n. 2, dez., 1999.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MILES, J.C. **The Future of Adventure Education**. In: MILES, J.C.; PRIEST, S. **Adventure Education**. State College: Ventre Publishing, 1990.

MORIN, E. **Educação e Complexidade: os setes saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez. p.13, 2002.

_____. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p. 188-189, 1996.

NICOLESCU, B. **Manifesto da Transdisciplinariedade**. São Paulo. Trion 1999.

PAIVA H. **Esportes Radicais e Sociedade: um enfoque na modalidade escalada**. FEFISA, Santo André. (Programa de Iniciação Científica), 1999.

PARLEBÁS, P. **Perspectivas para uma Educacion Física Moderna**. Espanha: Unisport, 1987.

PEREIRA, D.W. **Escalada**. Coleção Agôn – o espírito do esporte. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2007.

PILLATI, L.A. **Pierre Bordieu: apontamentos para uma reflexão metodológica da história do esporte moderno**. Disponível em <http://www.efdeportes.com> Revista digital – Buenos Aires - ano 11, n. 97, junho de 2006. Acesso em: 10 de outubro de 2007.

PILZ, G.A. **Sociologia do Esporte na Alemanha**. Revista de Estudos Históricos: Esporte e Lazer. n. 23, v. 1, 1999. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/256.pdf> Acesso em: 10 de outubro de 2007.

PIMENTEL, G.G.A. **Risco, Corpo e Socialidade no Vôo Livre**. Campinas. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, p. 143-144, 2006.



SPINK, M.J. **Trópicos do Discurso Sobre Risco**: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. Caderno Saúde Pública vol. 17 n. 6. Rio de Janeiro nov./dez., 2001.

_____ **Perigo, Probabilidade e Oportunidade**: a linguagem dos riscos na mídia. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre. v. 15 n. 1, 2002.

SOARES, C.L. **Educação Física Escolar**: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 2, p. 6-12, 1996.

SOUZA, M.T. **A Inteligência Corporal – Cinestésica como Manifestação da Inteligência Humana no Comportamento de Crianças**.. Tese de Doutorado em Educação Física - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVEIRA, J.C.F.. **Esportes na Natureza e Formação Profissional em Educação Física**. In: SONOO, C. N.; SOUZA, C.; OLIVEIRA, A.A.B. **Educação Física e Esportes**: os novos desafios da formação profissional. Maringá: DEF, v. 1, p. 153-165, 2002.

STEINMAN, J. **Surf e Saúde**. Edição do Dr. Joel Steinman, 2003.

TOJAL, J.B. **Motricidade Humana**: ciência ou campo de intervenção. Palestra realizada no I Congresso Internacional de Epistemologia da Educação Física. São Paulo, 21 e 22 de setembro de 2006. Disponível em: http://www.confef.org.br/ARQUIVOS/I_CONGRESSO_INTERNACIONAL_DE_EPISTEMOLOGIA_DA_EDUCACAO_FISICA.pdf Acesso em: 02 de outubro de 2007.

TUBINO, M.J.G. **O Esporte Como Fenômeno Social Importante do Século XX e do Início do Século XXI**. In: Congresso de educação física e ciências do esporte dos países da língua portuguesa. Galícia: Acoruna, 1998.

TUBINO, M.J.G. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, v. 11, 2002.

UVINHA, R.R. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais**. São Paulo. Manole, 2001.

VILAVERDE, S. **Lazer, Natureza e Amizade**: formas de subjetivação na modernidade tardia In: **Viagens, Lazer e Esporte**: o espaço da natureza. Alcyane Marinho; Heloisa Turini Bruhns (org.) Barueri, SP: Manole, p. 119, 2006.

Recebido: 27/11/2007

Aprovado: 19/08/2008